

São Paulo, uma cidade moderna?

Casa da Boia nos bastidores da mudança do perfil da capital paulista

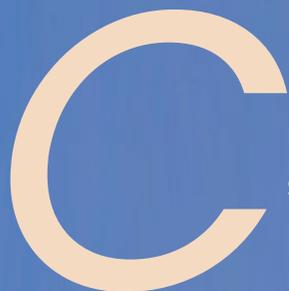
Renata Geraissati Castro de Almeida
Colaboração: Diógenes Sousa
Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah

Largo do Palácio

São Paulo



Corriqueiramente vemos a palavra “moderna” ser empregada quando nos referimos à nossa cidade, São Paulo, mas em que ela implica?

Inúmeros editoriais de revistas e jornais se propõem a discutir quais são os elementos necessários para podermos atribuir esse conceito a uma cidade.

Talvez uma população de milhões de habitantes, que necessite de uma estrutura de funcionamento racional, com cidades inteligentes que depositem na tecnologia e leitura de dados soluções para questões de gestão, de transporte, de educação e outros.

Ou cidades sustentáveis com planos para a questão do meio ambiente,

com coleta adequada de resíduos, soluções para questões energéticas e desenvolvimento econômico para a eliminação da pobreza.

Cidades criativas que abriguem atividades artísticas, contenham universidades e promovam uma diversidade cultural, gerando uma efervescência que atraia empresas e capital.

Apesar de existirem diferentes abordagens, um aspecto comum se distingue: o significado de ser moderno está diretamente relacionado ao período em que nos referimos, e conforme as sociedades se modificam, a concepção de modernidade também é alterada.

O que era então uma cidade moderna no início do século XX, momento em que a Casa da Boia se consolidou no comércio salubre?



No Álbum Comemorativo da Exposição Nacional do Centenário de Abertura dos Portos de 1908, no qual a Boia foi premiada, ao se referirem ao Pavilhão do Estado de São Paulo, o texto, assinado por A.M., ressalta “o êxito brilhante alcançado pelo Estado de S. Paulo no grandioso certâmen da Praia Vermelha” que seria “o mais vivo e eloquente atestado da justa nomeada de que goza, como o mais comercial, industrial e intelectualmente desenvolvido da Federação”.



Inúmeros eventos relacionados à construção de uma identidade paulista são rememorados, como o passado colonial, as bandeiras e a Proclamação da Independência, os quais, segundo o autor, explicariam o porquê do Estado estar “na vanguarda do progresso nacional como a uma distância de vinte anos de civilização e adiantamento sobre quase todos os demais estados brasileiros” (ÓRGÃO NACIONAL DE PROPAGANDA, 1908, p.25).

Contudo, ao compararmos o discurso que procurava inscrever São Paulo como o principal Estado em termos de industrialização com os dados coletados pelo Centro Industrial do Brasil, verificamos facilmente um outro cenário (BRASIL, 1920. p.8).

Havia por parte de certos grupos ligados à industrialização e ao café o objetivo de construção de um projeto para forjar a imagem de um Estado “moderno”, visualmente possível de ser observado em suas reformas urbanas com novas avenidas, habitações saneadas e novas construções. Correspondentes de jornais americanos no começo do século chamaram a cidade de “Yankee City of Brazil” e afirmaram que “São Paulo é o Brasil”.



Casa da Boia recebeu o Grande Prêmio na exposição de 1908.

O escritor britânico Rudyard Kipling, prêmio Nobel de Literatura, ao visitá-la em 1926, comparou a aura de progresso com o que Manchester representava para a Inglaterra.

Na revista A Vida Moderna, circulavam propagandas que retratavam a ampliação na oferta de bens que circulavam na cidade, e colunas que noticiavam a inauguração de novos empreendimentos comerciais e industriais.

A publicação, amplamente ilustrada, continha as colunas “O Progresso Arquitetônico em São Paulo” e “Melhoramentos em São Paulo” que se propunham a mostrar os novos edifícios e as reformas urbanas que tomavam forma na “metrópole cosmopolita” (A Vida Moderna, 1908).



Outro bello aspecto do parque Anhangabaú, vendo-se, ao fundo, o Theatro Municipal.



Uma parte da Avenida S. João, vendo-se o novo edificio do Correio.

Atendendo à preocupação com relação à modernização no espaço urbano, na administração de Antônio Prado (1899-1911), as regiões próximas ao Pateo do Colégio concentraram funções comerciais e institucionais com a construção de edifícios para demonstrar a grandiosidade da cidade de São Paulo.

Diversos desses foram encomendados a um nome que se cristalizou no imaginário coletivo, o do engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo.

Não à toa a empresa Lacta, em peça promocional publicada na edição de outubro de 1924 optou por

mostrar seus produtos em pontos da cidade que representavam o caráter "moderno" de São Paulo, entre eles o Vale do Anhangabaú com o edifício do Theatro Municipal e a Avenida São João, com o novo edifício dos Correios (A Vida Moderna, 1924).

O escritório de Ramos de Azevedo, pelo viés da arquitetura, contribuiu para a criação de uma identidade visual para a cidade, a qual conhecemos até hoje, uma vez que parte significativa dos imóveis "históricos" situados na região central foram assinados pela empresa. Além da Escola Politécnica de São Paulo, projetou hospitais, quartéis, matadouros e diversos edifícios públicos.



Ramos de Azevedo, ao centro, com os arquitetos de seu escritório, responsáveis por projetos icônicos da capital paulista.

Escritório Technico Ramos de Azevedo.

Dentre eles, destacam-se na cidade de São Paulo, o Quartel da Luz (4) de 1891 (atual 1º Batalhão de Polícia de Choque - ROTA na Avenida Tiradentes), a Escola Normal de 1894 (atual Casa Caetano de Campos (3), na Praça da República, sede da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo), a Escola Modelo da Luz de 1895 (atual Escola Prudente de Moraes na Praça Coronel Fernando Prestes), o Liceu de Artes e Ofícios, de 1900 (atual Pinacoteca, na Praça da Luz) (2) e o Portal e o Necrotério (1) do Cemitério da Consolação.



Um desses símbolos é o Theatro Municipal, projetado por Claudio e Domiziano Rossi, e que, desde sua inauguração, em 1911, teve como objetivo promover a cultura erudita com temporadas líricas e outros eventos que denotassem também um progresso cultural.

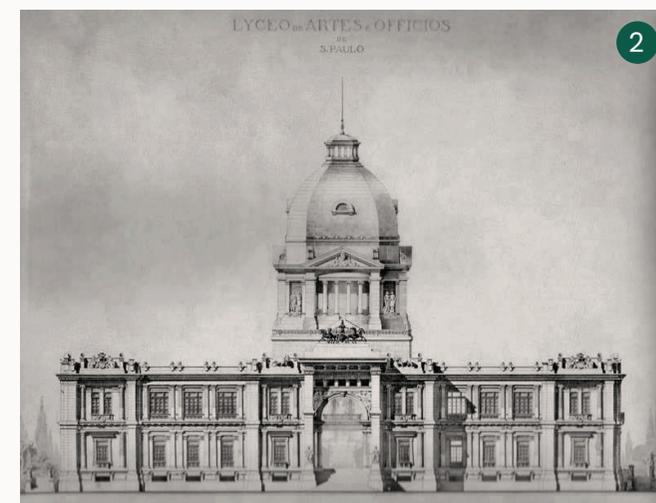
No entorno do Theatro continuavam a existir casas de divertimentos públicos e funções que não agradavam aos reformadores sociais que queriam moralizar o espaço urbano, especialmente nas ruas Xavier de Toledo e Conselheiro Crispiniano onde existiam estabelecimentos que contrastavam com a opulência do Municipal e de seus frequentadores (ROSIN, 2021).

A construção de um “espírito” moderno na cidade encontrou resistência por parte de seus habitantes.

A própria idealização de um Theatro foi objeto de disputas na Câmara dos Deputados, com José Piza defendendo a necessidade de um empreendimento dessa magnitude em função de seu caráter “benéfico” e “pedagógico”.

Contudo, alguns alegavam que em pouco tempo o espaço “definharia” e ficaria “à míngua”, pois não existiam produções culturais o suficiente para criar uma programação contínua.

O dramaturgo Arthur Azevedo (1855-1908) replicou que, “frisando que possuímos ‘apetidos para a produção teatral’ com jovens poetas, prosadores e artistas de novas gerações e apenas lhes faltavam incentivos para produzirem”.



Fotos: Oto Rudolfo Quaa. Projetos: Escripiorio Technico Ramos de Azevedo.



Ramos de Azevedo, além de ser o promotor dos projetos arquitetônicos, passou a produzir insumos para a construção civil e também a comandar firmas de importação, uma delas criada em parceria com seu genro e ex-aluno da Politécnica, Ernesto de Castro. A importadora e revendedora Ernesto de Castro & Cia atuou por mais de 60 anos no ramo da construção civil com pontos de distribuição estratégicos próximos à ferroviária, na Estação da Luz com a Serraria Azevedo e Miranda, e com armazéns na Estação do Norte (Brás) e possuía como clientes a Escola Politécnica de São Paulo.

Inaugurada em 1903, a empresa seguiu o mesmo segmento de negócios da E. P. Bueno & Cia, mais um dos braços de uma série de atividades ligadas ao fornecimento de materiais de construção administrados por Ramos de Azevedo (MOURA, 2018).

Segundo Richard Santiago Costa, neste mesmo ano a municipalidade publicou um edital para a construção dos muros e abóbodas do Theatro, orçados em 135:025\$838 e os materiais foram encomendados à sociedade que seria formada entre Ernesto de Castro e seu sogro (COSTA, 2017, p.114).



Fotos: Guilherme Gaensly. Projetos: Escriptorio Technico Ramos de Azevedo.

As páginas dos livros-caixa acondicionados no Acervo mostram que a empresa era cliente assídua da Casa da Boia. Entre outubro de 1918 e julho de 1919, verificamos a existência de treze entradas de compras da casa importadora, o que significa mais de uma compra por mês no período, demonstrando a importância das transações entre as duas empresas.

Assim, podemos verificar que a Casa da Bóia era uma parceira comercial da Ernesto de Castro e Cia, subsidiária e fornecedora de material para os projetos formulados pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo.



A São Paulo “moderna” surgiu antes de tudo com um discurso disseminado por intelectuais, empresários e políticos que promoveram inúmeras reformas urbanas, tentando afastar as camadas sociais indesejadas dos espaços que seriam utilizados como propaganda desse projeto modernizante.

Criada no imaginário e implementada às custas de marginalizações, a concretização dessa cidade se deu apenas na segunda metade do século XX.



Propaganda da Ernesto de Castro e Cia. e a residência do arquiteto, genro de Ramos de Azevedo. O palacete, hoje conhecido como Casa das Rosas, é praticamente o único imóvel remanescente da arquitetura original da avenida que se encontra em bom estado de preservação e em uso como centro cultural.

Fotos: autoria desconhecida.

Bibliografia

A Vida Moderna. São Paulo, ano 3, n. 42, 18 de julho de 1908. Acervo Casa da Boia, código 01-000288.

A Vida Moderna. São Paulo, ano 20, n. 483, 16 de outubro de 1924. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/jornais_revistas

BERNARDES, Claudio. O que são cidades modernas. Folha de São Paulo. 03/01/2016. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/colunas/claudiobernardes/2016/01/1723994-o-que-sao-cidades-modernas.shtml>

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento Geral da População, da Agricultura e das Indústrias. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1920.

CENSO DEMOGRÁFICO, 1940. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

COSTA, Richard Santiago. Parnaso Paulistano: história, arquitetura e decoração do Teatro Municipal de Paulo. (Tese de doutoramento). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

MILET, Evandro. Cidades modernas. Cidades criativas, sustentáveis e inteligentes contribuem para um ambiente mais humano e fortalecem o conceito “trabalhar, viver e se divertir”. Gazeta Online. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/opiniaio/artigos/2017/10/cidades-modernas-1014104423.html>

MORAES, Juliana Lopes de. A Vida Moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista. Assis: 2007, p.100.

MOURA, Carlos Thaniel. A Casa Comercial Ernesto de Castro & Cia. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 71-82, jan/jun 2018.

ÓRGÃO NACIONAL DE PROPAGANDA. Álbum de Exposição. Rio de Janeiro, Ano 1, n.1. 1908. p.25.

ROSIN, Maíra Cunha. Dos bêbados, das putas e dos que morrem de amor: os marginais do embelezamento e dos melhoramentos urbanos (1905-1938). 2021. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Synopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1900. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Guilherme Gaensly



Apenas 15 anos separam as duas fotos do mesmo local.
Largo e rua São Bento, em 1887 e após a radical transformação
que seguiu o ideário da São Paulo moderna.



Militão Augusto de Azevedo

CASA DA BOIA
METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

Diretor: Mario Rizkallah
março, 2025